

“Às suas ordens, comandante!”: Militarismo e necropolítica na Venezuela Bolivariana

Jeudiel Martinez

Sociólogo da Universidade Central de Venezuela, onde foi professor convidado. E autor do livro “A Rebelião Obediente”, sobre o colapso da Venezuela.

Tradução de Fabrício Toledo



*... de tanto odiar os militares, de tanto combatê-los,
de tanto pensar neles,
terminaste sendo igual a eles.
E não há ideal na vida que mereça tanta abjeção ...*
José Raquel Moncada ao Coronel Aureliano Buendía.

“Cem Anos de Solidão”.
Gabriel García Márquez

Fatores do chamado Chavismo crítico têm falado, pelo menos desde 2016, de uma virada autoritária do “Madurismo” que a diferenciaria de um Chavismo essencialmente democrático. Dada a escalada da violência estatal do governo Maduro, vários grupos Chavistas diferenciam Chávez e seu legado de seu sucessor.

Neste trabalho, esperamos mostrar que isso é impossível e que a virada autoritária do Chavismo começou praticamente desde 2005; em particular após a reeleição triunfante de Chávez em 2006, com a mudança do slogan central de "democracia participativa" para "Socialismo do século XXI". Desde então, o Chavismo começou a se diferenciar de outras forças populares nacionais, como as que chegaram ao poder no Equador e na Bolívia, além de outras expressões da esquerda sul-americana, como o Kirchnerismo argentino e o petismo brasileiro. Elas são mais ou menos verticais, mais ou menos autoritárias, mais ou menos corruptas, mas são delimitados pelas formas impostas pelo Estado de Direito, sujeitas tanto à dinâmica multipartidária quanto à do livre mercado.

O chavismo, por outro lado, iniciou um longo processo de desdemocratização que, no período de Chávez, tornou muito difícil diferenciar autoridade legítima do poder tirânico e, no final do período, Madurista, ao contrário, acerca o Chavismo em regimes como o de Erdogan e Duterte completando um turno autoritário sustentado. Assim, Chavismo seguiu por um caminho semelhante, mas não idêntico ao que foi seguido em Cuba e Nicarágua; na verdade, é algo muito mais regressivo, arcaico e tem muitas coisas em comum com o stalinismo de estilo cubano, mas também semelhanças com outras

tradições autoritárias ou corporativas da América Latina, como o Falangismo e o Peronismo, bem como ressonâncias inquietantes com os regimes militares do norte da África.

Em contraste com o que distingue as doxas de direita e esquerda, as forças autoritárias e democráticas aparecem em todo o espectro político, sendo prova disso o modelo do partido único cujas variantes encontramos desde o Franquismo ao Stalinismo, passando pelo PRI mexicano e o Partido Colorado do Paraguai: de uma maneira ou outra, com ritmos diferentes, o que vem fazendo o Chavismo, desde 2005, é se metamorfosear em um regime de partido único, totalitário, passando por uma fase de contrarreforma democrática com Chávez a uma tirania aberta com Maduro.

A aversão à diferença, a confusão de todos os discursos com a propaganda, a organização vertical e corporativa dos militantes, a dissolução progressiva do Estado de Direito, em particular as garantias legais, a natureza plebiscitária dos processos eleitorais, ou seja, todas as características chocantes do autoritarismo que vimos se formar desde 2005 são características dos regimes de partido único, sejam eles da direita ou da esquerda. As razões específicas pelas quais Hugo Chávez começou a dirigir seu projeto nessa direção estão abertas à discussão, pois agora basta dizer que nossa situação atual tem suas raízes no nascimento de um tipo de militarismo de esquerda na Venezuela que podemos chamar de “comandantismo”.

Comandantes

Embora tenha uma orientação política completamente diferente dos militares de direita, o "guerrilherismo" era uma forma de militarismo extremo, na medida em que propunha organizar o espaço público e as relações de poder na sociedade, de acordo com o modelo da hierarquia militar. No guerrilherismo já havia o culto aos comandantes, especialmente os da Revolução Cubana, um culto que seria decisivo para a expansão do Castrismo na América Latina.



O que aconteceu na Venezuela é que o militarismo de esquerda se fundiu com o militarismo "puro", na medida em que emergiu uma facção militar que se denominava antiamericana, antineoliberal e herdeira da luta de guerrilha: através do encontro dos dois militarismos, unidos à adoração dos comandantes e à redução da política à guerra e ao comando militar, o militarismo de esquerda torna-se uma espécie de máscara do militarismo mais convencional nascido no quartel e, embora se renda ou se entregue, também o transforma, o modifica substancialmente.

Assim, embora Hugo Chávez tenha ativado com a Constituinte de 1999 um dispositivo democrático que correspondesse a um período de expansão e abertura de seu movimento e lhe permitisse aparecer como uma alternativa a uma série de candidatos conservadores, gerenciais ou empresariais que ignoram ou minimizam os problemas de pobreza, violência e corrupção, os primeiros slogans do Chavismo, poder constituinte e democracia participativa, começam a ser esvaziados pelo próprio Chávez, quem começa a desmontar esse primeiro Chavismo após sua vitória no referendo de 2005.

A modificação das leis eleitorais, a substituição de conselhos locais de planejamento e assembleias de cidadãos pelos Conselhos Comunais, a eliminação do MVR e a criação do PSUV, a consolidação do caudilhismo mediático de Hugo Chávez, a emergência das Missões Sociais com sua inclinação de clientela e o culto sistemático da personalidade do "Caudillo" são os primeiros sinais desse novo período. Duas instituições-chave do país, PDVSA e as Forças Armadas Nacionais, são colonizadas pelo chavismo, a lealdade institucional dos homens de armas transforma-se em lealdade pessoal¹ e inicia-se a destruição das instituições que não estavam sob o controle de Chavismo, como a Prefeitura de Caracas², no meio de um Estado de exceção que foi feito possível quando a oposição antichavista se absteve nas eleições parlamentares de 2005.

¹ O Supremo Tribunal de Justiça decidiu, em 11 de junho de 2014, que os militares poderiam gritar slogans partidários como "Chávez vive, a luta continua", prática iniciada após a reeleição de Hugo Chávez em dezembro de 2006.

² A Lei Especial sobre a Organização e o Regime do Distrito da Capital foi aprovada em 7 de abril de 2009, após a vitória de Antonio Ledezma, candidato da oposição, nas eleições regionais. "É mais um passo para o fortalecimento do Estado, criando uma única figura da tutela dos municípios de Caracas", disse o governo. A Autoridade Única retirou da Prefeitura todos os seus poderes e, na prática, usurpou a autoridade dos eleitores de Caracas. Nos anos seguintes, autoridades únicas e, em seguida, "protetores" foram impostas em estados e municípios onde o governo não aceitou os resultados das eleições.

Com a transformação das Forças Armadas em ala militar de um partido Chavista, inicia-se um processo essencialmente diferente em comparação com outros governos da “Onda Rosa”, cujo projeto, corporativo e vertical, foi definido na reforma constitucional de 2007³, e que implicava uma ruptura profunda com a Constituição de 99.

As tentativas posteriores de intelectuais e operadores ideológicos Chavistas de opor Chávez do poder constituinte ao autoritarismo de Maduro evitam esse período intermediário de intensa democratização. No referendo de 2007, Chávez perdeu a aprovação de uma reforma constitucional que aumentaria muito os poderes do Poder Executivo. Mas nem o Chavismo, ou a oposição ou a sociedade em geral aproveitaram deste momento de fraqueza do caudilho que, tendo fracassado em sua reforma constitucional, aumentou sua aposta ao transformar não mais a Constituição formal, mas a Constituição material venezuelana, ou seja, a trama de poderes factuais, de interesses, transformando toda a Constituição de 99 em uma concha vazia que servia apenas como um desígnio geral dos poderes do estado, como um mero organograma.

A nova Constituição material, continha forças armadas “chavistas e socialistas”, o socialismo em si, poderes de fato cada vez maiores para o Executivo, a diminuição contínua das garantias processuais e um enorme poder para as Forças Armadas em áreas como o controle dos recursos do subsolo e das empresas estatais. Contudo, a estratégia de Chávez era plebiscitária: essas campanhas eleitorais maciças, espetaculares e rituais eram necessários para legitimar a arbitrariedade posterior.

A condição para isso foi a inoperância da oposição que, em 2005, se absteve nas eleições parlamentares e permitiu que Chávez governasse sem contrapesos; a extraordinária abundância de petrodólares e o enorme poder afetivo, o carisma quase-religioso do comandante que nunca calou a boca ou desapareceu de vista. No geral, é um design corporativo, “neo arcaico”, como bem disse Enzo del Buffalo⁴, que parece uma

³ A reforma constitucional de 2007 incluiu, entre outras coisas, a reeleição indefinida de todos os cargos de eleição popular, aumentando o mandato presidencial de 6 para 7 anos, a criação de um número indefinido de vice-presidências - incluindo regionais sobrepostas às províncias - foi eliminada a autonomia do Banco Central e entregou reservas internacionais ao controle direto do presidente da república. Também foi proposta a redução do horário de trabalho e as “comunas” receberam status constitucional

⁴ Enzo Del Bufalo. *Del Socialismo Del Siglo XXI A La Peonía Del Siglo XXI*. Uninomade Brasil.



mistura de Peônia, Falangismo e Stalinismo. Se isso parece louco, devemos pensar que foi formado por uma série de decisões muito pragmáticas, soluções para problemas que a liderança chavista colocou, a saber:

- A criação de um monólito biopolítico e econômico no qual todo o ambiente técnico, econômico e financeiro da população - a Rede Humana de que Adams falava - e com ele todos os fluxos de matéria, energia e informação passaram a ser diretamente controlados e monopolizados pelo Estado. Controle unilateral, por subordinação e sem contrapeso. Do ponto de vista econômico, o eixo desse sistema é o monopólio do dólar, porque o principal produtor de divisas, que é o Estado, também se torna o principal distribuidor direto ou indireto de mercadorias⁵. Esse monopólio da moeda e o crescimento do setor público é o que deu ao Estado aquele caráter quase feudal no qual todos trabalham e do qual compram o que precisam em uma moeda desvalorizada.
- O agrupamento, de acordo com o modelo militar, dos seus seguidores. Ao organizar tudo em termos de divisões, batalhões, frentes, setores, etc, o Chavismo "reinventa" o corporativismo do início do século XX sem necessariamente estar sob sua influência direta; de fato, todo corporativismo é uma consequência da organização da vida pública sob um esquema quase militar. Além dessa lógica de subordinação, o Chavismo se organiza - e tenta organizar o país - dentro de um programa de liberdade que se manifesta no esquema plebiscitário realizado pelas eleições.
- A centralização de um líder que é indiscutível, inquestionável, quase divino em seu status, o que garante uma forte unidade e absoluta obediência à militância. Comandantismo, podemos chamar o caudilismo agrupado em torno de uma

<http://uninomade.net/tenda/del-socialismo-del-siglo-xxi-a-la-peonia-del-siglo-xxi/>

⁵ Victor Alvarez. *Neo-rentismo socialista y la pobreza como modelo de dominación*. El Estímulo.27-08-2016.

figura militar carismática que, por sua vez, organiza a vida pública como uma tarefa ou operação militar.

- Capturar o estado, fazendo uma "captura do aparato de captura" através de uma arquitetura de facções, relacionamentos pessoais, clientelares e caudilhistas, que não são formados ou organizados em um partido, mas em uma coalizão de facções civis e militares.

A situação venezuelana tem muito a ver com a crise do comandantismo, que orientou e tornou coeso o Chavismo: unidade absoluta do comando na figura do caudilho, saturação semiótica de sua imagem e saturação financeira de uma moeda subsidiada ou artificialmente barata. A crise estava pronta quando, em menos de um ano, o líder e a abundância de recursos desaparecem. De fato, a liderança Chavista não teve mais alternativas se não refazer todo o Chavismo desde o início (como solicitado pela “Marea Socialista”, uma organização que teve que passar para a dissidência) e repensar sua sorte em um sistema multipartidário ou usar sua enorme “plus valia de poder” para se perpetuar no governo, mesmo que fosse pela força.

Desde dezembro de 2015, os herdeiros de Chávez demonstraram seu caráter e vocação quando finalmente abandonaram o jogo político eleitoral e eliminaram os últimos remanescentes do Estado de Direito. O salto para a tirania se deu quando o Poder Executivo eliminou a divisão de poderes usando o Supremo Tribunal de Justiça. Mas isso foi apenas o culminar de um processo que se desenrolava por mais de 20 anos

A síntese

Se no final do século XX alguém quisesse fundar um militarismo tradicional - no qual os militares são o comando e a vanguarda da nação, em que a vida pública é organizada a maneira militar e tudo em analogia com a milícia - onde poderia encontrar o “ambiente ideológico” certo para isso? Somente à esquerda.



Quando Chávez fundou o MBR-2000, a direita, neoconservadora e neoliberal, não ressoava com as ideias de Chávez. O militarismo nesse caso sofreu uma mutação na guerra contra o terror e uma teoria e prática de segurança que nada tem a ver com a tomada direta do poder pelos militares.

Não são os militares que tratam de militarizar a empresa dirigindo a produção, mas a empresa que penetra nas milícias capilarmente, o militarismo devém uma configuração de um espaço planetário mediante a guerra infinita ou intervenção no espaço doméstico contra o "estrangeiro interno", que se torna o terrorista. É uma mutação bem definida pela análise de Paul Virilio em obras como "A Insegurança do Território".

De sua parte, a direita e o militarismo tradicionais (corporativistas, tradicionalistas, integralistas) foram eclipsados ou foram absorvidos pelo neoconservadorismo. Alguém como Hugo Chávez, cujos impulsos tinham um senso caudilista e militarista décadas atrás, poderia ter sido atraído pelo militarismo de direita - pelo Novo Ideal Nacional de Pérez Jiménez, a quem o caudilho admirava - mas esse tipo de militarismo, nos anos 80 e 90, em que Chávez cria o MBR 2000, não é mais que um arquivo ou uma lembrança.

Na esquerda, por outro lado, um longo processo - que é confundido com a história do século XX - transformou o pensamento dialético em mero binarismo, em uma política reduzida a operações booleanas como disjunção ("ou eles ou nós"), negação ("somos anti-X") e adição ("somos todos Y"). Essa mutação tem seu signo teórico em obras como "A Hegemonia e a Estratégia Socialista", de Laclau e seu signo prático no espectro de políticas de identidade nas quais os chamados "populismos" da "Onda Rosa" são o resultado de um esvaziamento no qual a esquerda é definida como meramente antiamericana e anti-neoliberal, permitindo não apenas que figuras conservadoras como Correa e Kirchner sejam consideradas "esquerdistas", mas que todos os tipos de governos autoritários sejam vistos com simpatia. Estatismo e nacionalismo, independentemente de seu caráter e significado, são vistos como "revolucionários".

É neste marco que se fez possível uma síntese entre tradições e linhagens autoritárias de direita e esquerda. Um dos elementos-chave desta síntese é o militarismo

que há muito se impunha na esquerda. Na cultura política dominante desde os anos 60, as estruturas centralizadas e verticais são veneradas, as razões originais da luta armada foram esquecidas em favor de uma superstição de violência e comando militar.

Embora completamente diferente em sua orientação política em relação às forças armadas de direita, o "guerrilherismo" era uma forma de militarismo extremo, na medida em que propunha organizar o espaço público de acordo com o modelo de operações militares e organizar as relações de poder de acordo com o da hierarquia militar: o comitê central e o alto comando militar tornam-se indistinguíveis e portadores de uma enorme autoridade carismática, o culto da personalidade Stalinista se funde com o "culto ao fuzil": no futuro, tornaria-se um militarismo corporativista combinado com a lógica de gangues armadas no Chavismo maduro.

Nascido em países pequenos e subdesenvolvidos, sujeito à hegemonia americana, esse militarismo de esquerda traçará seu modelo a partir do modelo da Revolução Cubana. A "exportação da revolução" dará lugar a uma mentalidade de sítio, de uma comunidade sitiada organizada militarmente em torno de seus líderes, os comandantes. Será o neoconservadorismo que se desterritorializa e se lança a uma guerra de desestabilização global que se assemelha a uma guerra irregular (forças especiais, bombardeio, sabotagem) enquanto o Comandantismo - e outros militarismos similares - se reterritorializa e se converte em um método para produzir hierarquia e modelar relações de poder dentro de um estado.

No guerrilheirismo já havia o culto dos comandantes, sobretudo aqueles da Revolução Cubana. Diferente da China, onde o exército é subordinado ao partido, onde a liderança política se distingue da militar (incluindo Mao, o estrategista, que não era chamado general ou comandante, mas de presidente), o Comandantismo é uma invenção da Revolução Cubana, na qual o a liderança política e militar se confundem, pois o comandante se torna o condutor carismático de um estado de guerra permanente. Mas em Cuba a confusão entre a liderança política e militar envolveu apenas os comandantes fundadores, especialmente Fidel Castro, seu irmão Raul e lendas como Guevara e Cienfuegos.



O partido e o exército permanecem como duas entidades separadas que, por assim dizer, compartilham a mesma cabeça. Nesse sentido, é significativo que no momento em que o último comandante tradicional transfere o poder em Cuba, a estrutura do Poder Executivo também seja modificada. Em termos da sociologia tradicional, o Comandantismo parece algo próprio de uma autoridade carismática que, na sua totalidade, é impossível de transferir. Assim, na Venezuela, perdido o poder carismático, o Chavismo tem duas cabeças, uma civil, que é Nicolás Maduro, o "filho de Chávez", chefe do Poder Executivo, e Diosdado Cabello, que parece estar tentando tomar o lugar de "militar de esquerda", com seu discurso esquerdista e militarista na Assembleia Nacional Constituinte.

Sem revolução e sem um partido revolucionário que destruirá o Estado e as Forças Armadas, na Venezuela as próprias Forças Armadas se tornaram um partido, ou o braço armado de um partido, uma estratégia que Chávez chamou de União Cívico-Militar. Essa tentativa, não apenas de fazer um partido de uma força militar constituída, mas de apresentá-lo como uma força insurgente e revolucionária, tornará o Chavismo, em muitos aspectos, mais próximo dos regimes militares do Norte da África ou de experiências anteriores na América Latina de transformar as Forças Armadas em um partido com pretensões revolucionárias.

O diagrama do comandantismo

Embora ingênua e não muito bem concebida, a Constituição de 99 era fundamentalmente incompatível com o partido cívico-militar que reorganizou a esfera pública e o Estado conforme sua vontade. É nesse período que os militares começam a se auto denominar "Chavistas e Socialistas", em que um fluxo de militares aposentados começa a circular por toda a administração pública, servindo como "cimento" entre o mundo militar e o civil e contribuindo para a confusão entre público e privado, democracia e tirania.

Como ocorreu com as Missões Sociais, sobre as quais era impossível saber até que ponto elas pertenciam ao Estado e até que ponto ao Chavismo, e até que ponto elas eram o efeito do relacionamento pessoal entre Chávez e Fidel Castro, toda a esfera pública começa a mergulhar em um limbo no qual é impossível decidir o que faz parte da esfera pública e que faz parte da parcialidade chavista. Essa privatização paradoxal do estatal⁶ precede as nacionalizações maciças que veremos desde 2007.

Mas na estratégia de Chávez, para um maior autoritarismo era necessária uma maior legitimidade: a condição disso era a abundância de petrodólares e o enorme poder afetivo, o carisma quase-religioso do comandante que nunca se calava nem desaparecia de vista. A Venezuela está imersa na circulação das imagens dos simulacros e das imagens de Chávez, sua voz, seu rosto, seus olhos que assistem de todos os lugares. Amá-lo, aos poucos se converte em uma demanda para os Chavistas, que, desde 2006, eles têm que se definir a partir deste amor a o Chávez em torno do qual surge todo um sentimentalismo de Estado.

Chávez aparece, certamente, como um caudilho militar, como Comandante, mas é um comandante a quem se rende um culto religioso, um verdadeiro "Imã", coberto, na vida e na morte, pelos elogios mais bizarros. Surge como uma figura religiosa, mas não majestosa; pelo contrário, como os santos populares do catolicismo altamente sentimentalizado, confundidos com parentes ou amigos vivos e mortos, "meu comandante" também é "Chávez Nosso". Assim como as estrelas do "star system" de Hollywood, como os santos populares, seus seguidores precisam se apropriar de sua imagem, senti-lo de perto: "coração do povo", "coração da pátria".

A figura militar carismática organizará a vida pública em analogia com tarefas ou operações militares. Comando estritamente vertical, extrema centralização da tomada de decisões, sobrecodificação de todos os elementos da vida social como "Chavistas" e mobilização das massas como imitação das forças militares.

⁶Os livros *La Pipa Rota* de Pedro Duno y José Vicente Rangel e sobretudo, *Los 12 Apóstoles* de Duno já sugerem esse processo que pode ser resumido na fórmula: "estatize a riqueza e depois privatize o estado".



No geral, é um desenho formado por uma série de decisões muito pragmáticas, de soluções para problemas levantados pela liderança chavista, e que pode ser resumido em quatro linhas:

- Uma biopolítica da dívida, em que o Estado aparece como o provedor universal de bens e dólares baratos e de uma moeda supervalorizada. A dívida financeira do neoliberalismo é substituída pela dívida clientelar com o Estado provedor de petrodólares e os bens que os acompanham. Em alguns casos, essa circulação estará associada, como nos Conselhos Comunitários e nas Missões Sociais, à organização de estruturas verticais, corporativas. As chamadas “comunas” serão o modelo de um corporativismo de bairro ao qual se espera vincular cada habitante; mas a alocação de dólares baratos e a moeda sobrevalorizada, sua circulação generalizada, garante a dependência da população que não se encontra corporativizada.
- Uma “neuropolítica” na qual o relacionamento da população com o caudilho é mediado pela mídia pública que serve de interface: não se trata de doutrinar ou difundir uma “versão oficial”, mas de circular a imagem do comandante, de circular e intensificar os sentimentos que ele desperta, de fazê-la participar das fantasias das pessoas, de aprisionar em seu sonho.
- Uma necropolítica da fragmentação, que combina a decomposição do aparato do Estado e do território, com a distribuição calculada de ambos a grupos, facções e até máfias. É toda uma política de decomposição que acabará subsumindo as outras duas e que, no período de Chávez, se expressa no uso tático e estratégico da corrupção (como no caso de Alejandro Andrade, no Tesouro Nacional⁷), as

⁷Antigo guarda-costas de Hugo Chávez e veterano do levante de 4 de fevereiro, Alejandro Andrade acabou fazendo carreira nas finanças públicas venezuelanas, apesar de não ter preparação nessa área. Preso na Flórida, confessou ter recebido suborno de 100 bilhões de dólares. Maduro não negou as acusações de Andrade e apenas pediu que ele fosse extraditado para a Venezuela. Poderopedia. *Quién es Alejandro Andrade, el ojo más caro de la política*. <http://elestimulo.com/blog/quien-es-alejandro-andrade/>

chamadas áreas de paz e a privatização das prisões em favor do crime organizado e, por fim, a criação de grupos armados conhecidos como "coletivos"⁸.

Essas duas linhas básicas do governo da vida e dos signos são as mais essenciais para a mega-máquina comandantista: um projeto fantástico de unificação da sociedade fagocitada ou subsumida pelo aparelho estatal, um verdadeiro dispositivo de captura que abomina qualquer forma de autonomia e exterioridade.

No entanto, diferentemente de outros projetos totalitários do passado e do presente, o Chavismo não logra uma governabilidade sustentável ao longo do tempo. O que os grandes projetos autoritários da Eurásia demonstram é que, se a liberdade é removida, é necessário que o Estado que o faz assuma as tarefas de resolver todas as crises, problemas e contingências: se o propriamente político é suprimido, a polícia deve ser capaz tanto de conter a corrupção como de moldar o futuro. Por isso, os autoritarismos da Rússia ou da China são projetos civilizatórios "cosmopolitas" que incluem a vida, os signos e o meio ambiente.

O Chavismo não apenas foi incapaz de gerar seu "cosmopolitismo", como o Comandantismo entrou em crise cedo; na verdade, ele não floresceu, e nunca pode realmente se compor. A fórmula comandantista era governar "espiritualmente" os venezuelanos, graças ao carisma do comandante, e materialmente, através do monopólio do dólar; organizá-los de acordo com o modelo corporativo, sobrecodificar tudo como Chavista. A crise estava pronta quando, em menos de um ano, o líder e a abundância de recursos desaparecem.

Se é verdade, como Benjamin disse, que todo fascismo é uma revolução fracassada, com o Chavismo o fracasso é duplo: fracassa a revolução falha e fracassa a contra-

⁸As "zonas de paz" foram criadas como uma política para retirar a polícia de áreas controladas por gangues armadas supondo que elas se pacificariam voluntariamente. Essa política, de Hugo Chávez, teve que ser revertida por Maduro que, com a OLP - Operações de Libertação do Povo - tentou manter à distância as gangues que atacavam a polícia. Os grupos parapoliciais, denominados coletivos, semelhantes às milícias brasileiras, mas focados no mercado negro. Para um resumo da situação. Ver: Centro de Investigación del Crimen Organizado. *Venezuela un estado mafioso?*. Insight Crime. <https://www.insightcrime.org/wp-content/uploads/2018/05/Venezuela-Estado-mafioso-InSight-Crime-Observatorio-de-crimen-organizado.pdf>



revolução ou o totalitarismo decorrente de sua corrupção: certamente está na incapacidade de destruir ou renovar o antigo aparato estatal onde se encontra a causa da degeneração do comandantismo em toda uma política da decomposição.

Estado em decomposição

Castro, Ortega, Fonseca, Guevara e Cienfuegos são comandantes emblemáticos; são o próprio modelo de comandantismo. Os subcomandantes zapatistas são simulacros: não são verdadeiros comandantes, são outra coisa deliberadamente diferente; tentaram apropriar-se da semiótica e dos procedimentos do comandantismo para subverter ou "desconstruir" a guerrilha e o militarismo de esquerda. Chávez é outra coisa: não é icônico e não é um simulacro, apenas uma imitação: não tomou o poder no campo de batalha, à frente de um poder constituinte armado, mas de outra maneira. Não há nada de errado com essa outra maneira, não há ligação necessária entre a idéia da revolução e a da guerra; não é inconcebível uma revolução pacífica que de todas as maneiras pode recorrer às armas se necessário.

O problema é que o próprio caudilho não acreditava nele: seu poder constituinte era pequeno e restrito ao jurídico e ao campo da representação. Ele nem sequer completou o previsto em sua Constituição (a reforma da previdência social e a demarcação de terras indígenas estavam pendentes, dentre muitas outras coisas). Mas Chávez estava muito à vontade no "antigo estado burguês" do qual ele tanto zombava, dependente das Forças Armadas que eram parte integrante desse Estado que o caudilho dizia querer destruir. Mas como dissolvê-lo sem dissolvê-las?

Com as Forças Armadas, começam os estranhos ritos de sobrecodificação com os quais o caudilho pretendia apresentar como novo ou subversivo algum poder estabelecido. Com slogans, mudanças de nome e todo tipo de fingimento, pretendia tratar as Forças Armadas como se fossem um exército guerrilheiro recém-chegado ao poder, algo que se assemelhava muito a uma mudança na pintura ou nas cores.

Subsunção, sobrecodificação e duplicação foram os métodos da revolução fracassada para se apropriar do aparato estatal: fazer tudo depender diretamente do Poder Executivo; não de um vínculo institucional, mas pessoal. Marcar, selar tudo como Chavista (com cores, slogans, sinais) e criando pseudo-aparatos estatais em versões chavistas que duplicam os existentes, mas que raramente conseguem cumprir suas funções (Universidade Bolivariana, Polícia Nacional, Ministério das Comunas, etc.)

Como nas histórias de horror em que um novo corpo brota de outro, um novo tipo de estado de orientação totalitária começou a nascer do antigo aparato estatal. Mas seu nascimento foi incompleto e, como resultado, o Estado não foi regenerado nem dissolvido e substituído por outro. O que muda, mas sem sofrer mutação ou regeneração, é o que chamamos de corrupto, como um animal que se decompõe continuamente, mas sem morrer e sem cura.

"Um, dois, três, muitos Chernobyl"

Assim, a invenção Chavista parece ser o estado decomposto. Decomposto no sentido mecânico e biológico do termo: o antigo aparato estatal venezuelano, que existe pelo menos desde o início do século XX, não foi dissolvido ou destruído, mas alterado, desalinhado, degradado e intercalado com características e partes de um novo Estado, ainda mais falsificado, que nunca brotou.

Isso gerará não apenas uma grande ineficiência, mas também grande fuga de capitais, pilhagem de recursos e a privatização de fato de parcelas do aparato estatal. Tudo isso já é grave o suficiente, sem incluir outro fator: como no caso do Mensalão e da Lavajato, a corrupção se faz necessária para manter a "unidade de composição". Não é apenas contraproducente denunciar, mas todos devem estar associados a ele: o empregado preguiçoso, a família de classe média que recebe dólares subsidiados, o parente do funcionário que recebe um contrato. A corrupção financeira é um meio de unificar, endividar-se com o Estado e de criar vínculos e dependências.

Assim, torna-se mais prático para o governo financiar as importações do que a produção. São concedidos créditos que nunca são cobrados e a fuga de capitais atinge



níveis fantásticos⁹. Como aquilo que se requer para a unidade de composição do Chavismo exige é lealdade e o endividamento, opera-se um processo constante de degradação das capacidades dos funcionários e empregados públicos. O "novo" Estado, que se compõe integrando todo o corpo e alma do comandante, e o "velho", com sua burocracia tradicional desgastada, se sobrepõem, mas de maneira disfuncional, pois o primeiro mina constantemente o segundo: se, para o aparato do Estado, tudo deve ser internalizado, estratificado, para o Chavismo, o próprio Estado deve ser internalizado no Chavismo, que é o interior absoluto: tudo deve ser estatal, mas apenas para que seja Chavista.

Mas, na medida em que a corrupção se torna tanto o efeito da unidade quanto um meio para alcançá-la, o Chavismo se vê imerso em um processo de gerenciar sua própria corrupção, o que gerou um novo tipo de cálculo político: uma gestão da decomposição, da fragmentação que podemos, em sentido estrito, chamar de necropolítica¹⁰. Assim, Chávez apareceu com um toque de Midas reverso, corruptor que não só encheu o país com as ruínas prematuras de inúmeros projetos inacabados, mas também estendeu a decomposição a tudo o que ele pretendia incorporar ao Estado. Não apenas se trava de que sua versão do estatismo era certamente anacrônica. Foi por causa de sua paixão pela centralização e unidade que ele adotou as formas mais anacrônicas de estatismo e, como um vírus, toda vez que o governo nacionalizou ou modificou uma empresa, um serviço, uma dependência, a mesma necropolítica contagiava o que havia sido internalizado.

Com sua nova liberdade de ação, os militares se converteram nos beneficiários diretos da decomposição da soberania do Estado, como aconteceu nas prisões, que privatizaram criminosos, e nas minas do sul do estado de Bolívar, onde estabeleceram acordos benéficos com os chamados "sindicatos de mineração"¹¹. É que quanto mais

⁹ Para 2014, "Marea Socialista", grupo chavista dissidente, estimava a fuga de capitais em mais de 250 mil milhões de dólares (250 bilhões). Marea Socialista. *Sinfonía de un Desfalco a la Nación: Tocata y fuga... de Capitales* <https://www.aporrea.org/contraloria/n257348.html>. Em 2018, a Assembleia Nacional estimou a cifra em 400 mil milhões.

¹⁰ A definição original de necropolítica se encontra em Joseph-Achille Mbembe, *Necropolítica*. Editorial Melusina, 2011.

¹¹ A situação em sul do Estado de Bolívar, semelhante à situação da África Ocidental e Central está bem descrita em: César Romero y Francisco Ruiz. "Dinámica de la minería a pequeña escala como sistema

Chávez se tornava obcecado pela soberania, mais ela se dissolvia: durante o governo e o de seus sucessores, o território se tornou um queijo gruyère, onde sindicatos mineiros, paramilitares, guerrilheiros, grupos criminosos e qualquer grupo armado podem fazer o que ele agrada terminándose de facto el "monopolio de la violencia legítima".

A questão do crime é significativa: com a infame política da "zona de paz", Chávez aceitou que havia áreas entregues ao governo de grupos armados aos quais o governo cedeu o território de fato. Mas na maioria dos casos, o submundo resistiu a ser internalizado e essa tentativa de "feudalismo" fracassou. Fracasso que foi reconhecido, no período Madurista, com ass OLP (Operações de Libertação do Povo), na qual as forças policiais entram para exterminar os grupos que são mais perigosos ou hostis (exercendo poder de vida e morte em combatentes e pacíficos). O Estado venezuelano não era nem mais um soberano feudal que reconhece os direitos de outros potentados em troca de obediência, mas simplesmente é aquele com o maior poder de fogo neste território, sendo que sua violência não era nem a única, nem era legítima¹².

Mas de todas essas promessas invertidas, nenhuma foi tão devastadora quanto a da Unidade. A luta comandantista para unir Estado e povo em um bloco quase corporal resultou na decomposição do Estado e no colapso progressivo da sociedade. O Estado decomposto e fragmentado foi o resultado da busca obsessiva de uma unidade metafísica. Parece que, quando o Estado tornou-se obcecado em produzir unidade, teria esquecido tudo o mais, submetendo tudo a esse imperativo.

As ideias obsessivas de Chávez com a lealdade, a unidade, as suas demandas por lealdade infinita, foram realizadas na tentativa de fazer não apenas do Estado, mas também de todo o ambiente em que os venezuelanos vivem, uma extensão do corpo do comandante. Para esses propósitos, cada instituição, cada fragmento do território tinha

emergente. Dislocaciones y ramificaciones entre lo local y lo nacional" e Andrés Antillano, José Luis Fernández-Shaw y Damelys Castro. "No todo lo que mata es oro. La relación entre violencia y rentas mineras en el sur del Estado Bolívar". Ambos em: *Venezuela Desde Dentro 8 investigaciones para un debate necesario*. Fundación Rosa Luxemburgo, 2018, pp 85 y 145;

¹² Keymer Ávila. "Las Operaciones de Liberación del Pueblo (OLP): entre las ausencias y los excesos del sistema penal en Venezuela". *Revista Crítica Penal y Poder* 2017, nº 12 Marzo, pp. 55-86.



que estar sob controle direto e unilateral de alguém que era leal ao Comandante: o mecanismo de planejamento central e os controles de câmbio perderam todos os seus elementos racionais¹³e se tornaram uma ferramenta para apropriar-se da riqueza pública e privada ou para controlar fluxos monetários. E isso fez da intervenção estatal uma arma contra a produção e a circulação. Mas quando, com a total imposição dos mecanismos clientelistas e caudilistas, foram eliminados os mesmos mecanismos legais e administrativos que impediam a preservação do patrimônio público, o sistema de controles e o comandantismo se converteram em uma máquina de apropriação e pilhagem que causou a primeira catástrofe biopolítica do século XXI.

¹³Enzo del Búfalo assinalou que as ideias econômicas de Chávez e Maduro são idiossincráticas e não aderem a nenhuma escola econômica conhecida. Além de considerar o petróleo subterrâneo como equivalente ao dinheiro ou mercadorias já disponíveis, a existência de inflação foi negada pelo governo por vários anos. Na prática, a centralização era praticada sem nenhum planejamento e a taxa de câmbio estabelecida arbitrariamente: em 2010, Chávez a fixou em 4,30 bolívares por dólar simplesmente para que o número fosse igual ao do boom do petróleo nos anos setenta: Joaquim Ibarz. *El Viernes Rojo de Hugo Chávez*. La Vanguardia.12/01/2010